

# Credores surpresos

JORNAL DA TARDE

## com o governo Sarney

7 JAN 1986



Há certa perplexidade por parte de alguns banqueiros norte-americanos pelo fato de o governo Sarney ainda não ter enviado sua equipe financeira para reassumir as negociações com o Comitê Assessor da Dívida Externa Brasileira, principalmente porque em exatamente 10 dias estará expirando o acordo da fase 2 da dívida externa brasileira.

No último dia 20 de dezembro, Antonio de Pádua Seixas — diretor para Assuntos da Dívida Externa do Banco Central — deixou Nova York, depois de uma série de conversações com os banqueiros, mas anunciava que no início de janeiro reassumiria as conversações com o Comitê Assessor. Até agora, nem fontes bancárias dos EUA nem autoridades em Brasília souberam dizer quando serão reiniciadas essas negociações, estando apenas mais ou menos acertada a viagem do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, a Washington nos próximos dias, para encontros no Fundo Monetário Internacional.

Mesmo assim, alguns banqueiros já falam da possibilidade de o Brasil obter outra prorrogação — de 90 a 180 dias — com a renovação de 16 bilhões de dólares de linhas interbancárias e comerciais, mesmo com o clima pouco amigável e de desconfiança que dominou as últimas negociações.

Parte desta delicada situação se deve ainda ao fato de o Brasil não ter tomado uma decisão final em relação à Resolução 63. Muitos dos bancos estrangeiros regionais prejudicados com a liquidação do Comind e Auxiliar ameaçam não renovar as linhas de crédito, enquanto outros colocam o pagamento integral da dívida destes bancos pelo governo brasileiro como condição fundamental para uma renovação do interbancário.

Além disso, as altas taxas inflacionárias do País continuam sendo uma das grandes preocupações do governo — e do Fundo Mo-

netário Internacional — assim como os rumos da economia brasileira e as medidas tomadas internamente, mesmo que o governo tenha anunciado no final do ano um crescimento de 7,4% em sua economia, superávit de US\$ 12,4 bilhões — o que permitiu ao País pagar os seus compromissos em dia.

— Obviamente que é preocupante o Brasil ter terminado o ano com uma inflação de 233% e estar com uma previsão de até 20% para o mês de janeiro. Se a inflação continuar subindo deste jeito, acabará afetando as exportações e, conseqüentemente, as condições do Brasil saldar seus compromissos — afirmou uma fonte financeira ontem em Nova York.

Ainda mais porque alguns banqueiros estão achando o Brasil “arrogante” em sua posição de não tentar nenhum entendimento com o FMI e assim mesmo conseguir um acordo com os credores nas mesmas condições do México e Argentina.

Quanto a isso, alguns banqueiros norte-americanos acham difícil o Brasil conseguir a renegociação de sua dívida sem o aval do FMI, principalmente porque os 14 banqueiros que constituem o Comitê Assessor da Dívida Externa Brasileira não têm condições de impor, nem mesmo convencer os outros 700 banqueiros de que a economia brasileira está se arrumando e de que eles devem aceitar uma renegociação. “Esta tarefa de recomendar aos banqueiros cabe ao FMI e só ele pode dar um sinal verde para se começar a renegociação da dívida brasileira”, afirmou uma fonte de Wall Street.

Porém, a curto prazo, o que mais está interessando é saber quando os representantes do Banco Central vêm a Nova York para discutir e, mais do que isso, formalizar a quarta prorrogação do acordo da Fase 2 da dívida brasileira.

(Eliane Gamal, de Nova York)